



INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, tem-se diversas avaliações que surgem para quantificar e classificar as diferentes áreas do conhecimento por meio de índices como os de leitura, de analfabetismo, de aprovações em universidades, de evasão escolar, entre outros. Da mesma forma, existem rankings internacionais e nacionais que, supostamente, tentam identificar a qualidade das universidades e das escolas (THIENGO et al., 2018).

A questão de se quantificar a qualidade advém do pressuposto de que é necessário algo mais palpável para que sejam evidenciados os resultados, os quais surgem a partir da quantificação por meio das avaliações e dos indicadores. Porém, deve-se observar a necessidade que a Educação requer qualidade; entretanto, o IDEB, por exemplo, é “construído por uma maquinaria numérico-estatística que através de uma fórmula tornou possível a quantificação da qualidade da educação” (KLEIN, 2017, p.88). Nesse contexto de quantificar a educação que necessita de qualidade, estão inseridos a escola, o professor e o aluno, sendo que o docente se torna responsável pelo aumento do índice do IDEB.

Mediante as avaliações que classificam a educação básica a partir do ponto de vista quantitativo e do papel do professor enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem, pergunta-se: Como o docente, atuante nas escolas da cidade de Ubá-MG e de Astolfo Dutra-MG, tem percebido a quantificação da qualidade da educação presente nas avaliações educacionais?

Este trabalho tem como objetivo investigar a percepção dos docentes da educação básica da rede pública de ensino da cidade de Ubá-MG e Astolfo Dutra – MG sobre as avaliações nacionais da educação e a centralidade dessas em dados quantitativos para classificar a qualidade da educação nacional; buscando, assim, proporcionar uma reflexão mais ampla sobre o papel do professor.

METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo foram investigados professores da educação básica pública de ensino da cidade de Ubá-MG e Astolfo Dutra-MG, devido à facilidade de acesso a elas e ao período de isolamento social ocasionado pela pandemia do Covid-19.

Se trata de uma pesquisa cuja abordagem é qualitativa, pois “aprofunda-se no mundo dos significados e das relações interpessoais” (MINAYO, 1992, p. 21). Se caracteriza, também, como um estudo básico, que visa a construção de teoria, ao mesmo tempo em que “seu desenvolvimento tende a ser bastante formalizado e objetiva a generalização, com vistas na construção de teorias e leis” (GIL, 2008, p.26). Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas por videoconferência. Essa “se engloba num aspecto maior que a interação propriamente dita, que se dá durante a coleta e ela pode se dar no formato de uma interação social” (MANZINI, 2004, p.9). Os resultados foram obtidos através da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistadas revelaram que as provas que compõem o sistema de avaliações nacional são ineficazes, pois não são compatíveis com a realidade educacional. A este respeito, a Entrevistada C, afirma que as avaliações: *servem mais para fazer gráficos, na maioria das vezes falsos, porque não são levados a sério*. Em concordância, Coelho (2008, p. 229) aponta que as avaliações educacionais são “parte de uma política de regulação e de administração competitiva no contexto do Estado Avaliador”. Neste sentido, a Professora A revela que:

O sistema de avaliação da educação básica é bem estruturado e tem os itens bem definidos, porém, há uma falha na avaliação contínua do aluno, individualmente, visto que as avaliações são anuais e em cada ano são aplicadas a turmas diferentes. A aplicação das avaliações é imprescindível pois todo processo deve ser monitorado.

Percebe-se que, apesar do entendimento da necessidade de uma avaliação, a Professora A não considera o sistema eficaz, em consonância com os estudos de Coelho (2008) sobre o tema.

Em concordância, a professora B afirma que:

As avaliações por si só não conseguem determinar muita coisa, mesmo sendo parte do processo, elas servem como um medidor para reformas necessárias, mas não são um pilar de sustentação. Acaba não mostrando a qualidade por ser muito restrita e injusta, pois por vezes, os alunos não aprenderam todo o conteúdo que nelas é cobrado e não são levados em conta os fatores externos como o âmbito social, econômico e emocional.

Quando questionadas se a qualidade era expressa através dos índices e da quantidade, todas as entrevistadas acordaram que os resultados não são fiéis às escolas e que para haver uma melhoria significativa, as avaliações devem ser aplicadas de forma mais restrita ou regional; ou seja, mais atentas às especificidades do aluno e seu entorno, por assim dizer. A este respeito, Coelho (2008) afirma que a não compreensão desses contextos diversos dizem respeito à finalidade das avaliações que é oferecer dados para uma discussão midiática sobre a qualidade da educação.

As entrevistadas também afirmam que não acreditam que quantitativamente se possa verificar a qualidade da educação, especialmente pois descrevem uma ausência de fidelidade à escola e uma suposta manipulação dos dados.

CONCLUSÃO

O presente estudo se iniciou com o objetivo de investigar a percepção dos docentes da educação básica da rede pública de ensino da cidade de Ubá-MG e Astolfo Dutra – MG sobre as avaliações nacionais da educação e a centralidade dessas em dados quantitativos para classificar a qualidade da educação nacional.

Conclui-se que não é possível que pessoas diferentes, de lugares e situações socioeconômicas mais diversas consigam pensar da mesma forma e obter o mesmo tipo de resultado, pois ao analisar a estrutura curricular pode-se entender que a diversidade é algo real e que precisa ter a devida atenção. A partir das análises, nota-se que os docentes acreditam que avaliações precisam ser mais justas, menos abrangentes e mais fiéis aos envolvidos. Os participantes desta pesquisa revelaram que, há um caminho longo a percorrer para que os resultados realmente expressem a qualidade através dos gráficos e números que estão presentes nos índices, mas é primordial que haja persistência e engajamento de todas as partes para um novo e acessível método avaliativo.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Maria Inês de Matos: Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação**, v. 16, n. 59, p. 229-258, 2008.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008
- KLEIN, Delci Heinle. **Ideb e maquinarias**: a produção, a quantificação e a expressão da qualidade da educação brasileira. Programa de pós-graduação em Educação. Tese de Doutorado, 2017
- MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiros. Seminário Internacional sobre pesquisa de estudos qualitativos. **A pesquisa qualitativa em Debate**. Anais, Bauru: USC, 2004
- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO, 1992.
- THIENGO, Lara Carlette; BIANCHETTI, Lucídio; MARI, Cezar Luiz de. Rankings acadêmicos e universidades de classe mundial: relações, desdobramentos e tendências. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 39, n. 145, out.dez, 2018